

Ao sermos introduzidos a este livro de Renato Mezan, deparamo-nos com a especial oportunidade de poder observar como um escritor, psicanalista, professor e filósofo constrói os seus textos. Através de sua leitura, o leitor se sente um *voyeur* privilegiado que participa praticamente "ao vivo" dos diálogos em aula com seus alunos.

A escrita na forma coloquial, muito próxima do que deve ter sido a discussão em classe, transmite de forma agradável, acessível e por vezes bem humorada, o clima em que decorreram as aulas, permitindo ao leitor identificar-se com os alunos com os quais Mezan dialoga.

Trata-se de uma obra que tem a preocupação de preencher uma lacuna na formação de profissionais psi que, apesar de freqüentemente pressionados a apresentar trabalhos em revistas, congressos e teses, não costumam ter a oportunidade de aprender a exercitar a escrita no decorrer de sua formação. Ainda que voltado basicamente para psicanalistas em fase de elaboração de teses de mestrado e doutorado, as reflexões do autor poderão também ser úteis para profissionais de outras áreas.

Lendo o texto, poderemos nos colocar tanto na posição de quem pretende aprender a escrever com um professor incomum, quanto na de um psicanalista preocupado em pensar e trabalhar através da escrita as questões da clínica. Serão basicamente estas as duas vertentes que serão comentadas a seguir.

Em relação aos aspectos da escrita num sentido mais amplo, Renato inicia as suas aulas mostrando como se dá a *organização de um texto*. Para

Ensinando o pulo do gato

Resenha de Renato Mezan, Escrever a clínica, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1998, 478 p.

este fim, parte da análise de um anúncio publicado num jornal de São Paulo. Nele são levantadas questões múltiplas desde a exposição das idéias de modo a torná-las atraentes, até os elementos gramaticais; desde os aspectos de distribuição de espaços até a pontuação e harmonia de sons.

Em seguida, Renato traz um trabalho de sua autoria - "Tempo de Muda" - apresentado num colóquio sobre "Arte e Dor", artigo do qual guarda todos os rascunhos. Apresenta a partir deles o que pode ser entendido como a carpintaria presente na gradativa feitura de um texto.

Inicia pela *fase dos rabiscos* - espécie de *brainstorming*, em que vai colocando num papel todos os pensamentos que vão lhe surgindo sem se preocupar em dar-lhes qualquer ordem ou coerência, aceitando inclusive a possibilidade de alguns deles serem posteriormente descartados; mostra como no curso desse processo a livre-associação vai se adensando em torno de certos eixos, tendendo a se

concentrar em algumas direções. A partir delas dirige-se a índices bibliográficos específicos e à literatura em geral a fim de buscar material que enriqueça as diretrizes esboçadas.

De posse de todos esses elementos, Mezan procura encontrar a *estrutura do texto*, utilizando alguns recursos que lhe são próprios: partindo das associações e das informações que vai obtendo, recorre à construção de diagramas - para o autor, este método propicia esquemática e graficamente a percepção das grandes divisões por temas.

Na seqüência, impõe-se a tarefa de concatenar os diferentes elementos, e aí Mezan informa: "o que dá continuidade ao texto é o princípio do dominó", isto é, cada novo elemento tem que estar vinculado ao anterior - trata-se de fazer agora o encaideamento das idéias.

Comenta a seguir o modo de iniciar um texto, salientando o fato de as primeiras frases de trabalhos famosos geralmente serem marcantes. Propõe que sejam concisas, precisas, que dêem ênfase aos objetivos principais e sugere, como forma de despertar prontamente o interesse do leitor, a sua apresentação em termos contrastantes. A partir daí, as questões particulares vão sendo explicitadas. Este é um momento em que se deve trazer ao leitor as informações necessárias para colocá-lo a par do assunto.

Um problema importante que se coloca é o do público ao qual o trabalho se dirige e o quanto de familiaridade este tem com o tema. Na tentativa de inteirá-lo do assunto tratado, muitas vezes se recorre à citação de outros textos. Nestes casos, Mezan considera indispensável que estes sejam comentados e incorporados entre os argumentos do trabalho, de modo que o problema vá sendo construído na frente do leitor.

Aos poucos e usando inclusive alguns atalhos, vai se evidenciando o percurso por onde os argumentos se encaminham. Certos desvios (embora concernentes ao desenvolvimento do assunto em questão) criam também, por vezes, elementos de confronto que ajudam na argumentação do tema central, além de provocar um clima de cumplicidade no encaminhamento das idéias.

O autor alerta para o risco de se procurar colocar num texto tudo o que se acha interessante, considerando fundamental uma seleção no sentido de eliminar o supérfluo.

À medida que o trabalho vai se desenvolvendo, as informações devem ir passando a um pano de fundo, enquanto as reflexões sobre elas adquirem posição de destaque. É agora que as hipóteses vão ser contestadas, confirmadas, discutidas e elaboradas.

Quando o trabalho se dirige para as suas conclusões finais é chegada a hora, segundo Mezan, da elaboração em termos teóricos. No texto em questão - "Tempo de Muda" - é quando se formulam mais nitidamente e se estabelecem os vínculos com os conceitos psicanalíticos implícitos nas reflexões anteriores. É nesse momento que ganham relevância os problemas metapsicológicos; são estes que se constituem na contribuição básica e na razão de ser do trabalho apresentado.

Por último, o final do texto também é objeto de preocupação do autor que recomenda, como no início, que se termine com uma frase conclusiva e de impacto.

Embora a maioria dos capítulos de *Escrever a Clínica* verse sobre temas psicanalíticos, alguns giram mais em torno de questões da escrita, utilizando materiais de fontes, as mais diversas.

É desse último tipo, uma passagem do sétimo capítulo que trata de um instrumento proposto por Robert Waelder. Trata-se de uma espécie de escala de abstração crescente que pretende responder à questão epistemológica na psicanálise. A idéia é que, partindo do imediato, possam ser encontrados diferentes níveis de abstração, a saber: *os dados da clínica, as interpretações clínicas, as construções para o caso, a teoria clínica, a metapsicologia*, e por último, *as concepções filosóficas gerais*. Ressaltar esses patamares é um recurso que auxilia na observação dos diferentes níveis e permite verificar como se dá a passagem de um estrato para outro. Através dessa lente, pode-se observar, por exemplo, como

nos trabalhos de Freud é possível entrar tanto pelo vértice da singularidade (na descrição dos casos clínicos), como também usá-los à guisa de ilustração da teoria, transitando do plano da metapsicologia para a clínica e vice-versa.

Outra fonte: a música. A teoria musical é usada para sensibilizar o leitor-escritor para tecer paralelos entre elementos, como o tipo de percepção que se desdobra através do tempo, as questões de ritmo, de redundância e de simetria.

Ainda outra fonte: a produção teatral que serve, de modo análogo, a produzir efeitos, os mais variados que, à semelhança de uma orquestra com seus vários instrumentos, introduz os personagens com suas diferentes vozes.

E a última fonte: o romance policial, como um modelo de escrita, na medida em que se assemelha ao relato de um processo terapêutico que, em princípio, só nós sabemos como acaba: como numa tese, é fundamental que exista um problema, um enigma a ser resolvido. De modo semelhante, a construção dos personagens vai se delineando lentamente à medida que se desenrolam os fatos. Na construção de uma tese, como no gênero policial, o produto final é menos previsível do que

originalmente se imaginava, mas nada do que está no texto é também gratuito. Como na história policial, certas pistas podem não levar a nada, sendo a construção do problema um equivalente ao efeito de suspense.

Dentro da temática psicanalítica, o autor recorre ao "Homem dos Ratos", pela possibilidade de comparação entre a versão publicada e as anotações originais que Freud faz desse caso. Abordando algumas questões teóricas, o principal interesse dessas aulas é o de acompanhar o estilo e o movimento da escrita de Freud, enfatizando os aspectos de transposição daquilo que se passa na clínica para o texto. Tanto na entrevista preliminar quanto nas sessões relatadas, o autor chama a atenção em relação à transcrição da fala do paciente para a quantidade de trechos inteiros escritos entre aspas, o que alude à relativa fidelidade da transcrição, enquanto o próprio Freud escreve sob o ponto de vista do narrador. No geral, Mezan ressalta a impressão da grande plasticidade de Freud, adaptando-se facilmente ao estilo do paciente, evi-

denciando até uma certa impregnação da linguagem interpretativa pelos termos do paciente, ao lhe dar, inclusive, explicações sobre teoria psicanalítica.

A segunda parte do histórico clínico constará de reflexões genéricas sobre os processos obsessivos. Embora não exista uma avaliação sistemática de todos os dados do caso, isto não se constitui num impedimento para discussões metapsicológicas a partir de descrições clínicas.

Mezan traz todos esses dados, importantes do ponto de vista clínico, mas principalmente literário não a título de modelo, mas com a preocupação de mostrar como eram os bastidores do trabalho do fundador da psicanálise.

As aulas seguintes, Renato vai dedicar à análise de um artigo de Nicole Berry publicado no Boletim da Pulsional e que se denomina "A Experiência de Escrever", texto belíssimo, onde forma e conteúdo se entrelaçam, apresentando algumas frases quase antológicas, como por exemplo: "Não há imagem interiorizada, não há história. Em seu lugar, as coisas, os objetos inanimados, povoam seu mundo, paradoxalmente vivas... Nada de espantoso se o analista, então, por sua vez, tem de por em ato - escrever - para ser".

Observando que Berry produz no leitor uma experiência análoga à que ela tem ao escutar a paciente e mostrando também como a autora coloca a escrita no entrecruzamento das funções de *catarse* e *elaboração*, Mezan nos confronta com um outro estilo de escrita, muito diferente do que vimos em Freud no caso do Homem dos Ratos e

no texto dele próprio. Esta forma põe em questão o registro literal das sessões, mostrando como uma idéia geral do conteúdo, onde vão se delineando traços do personagem e de sua relação com a analista, pode ser suficiente.

Neste trabalho Mezan leva-nos a observar uma oscilação entre níveis de abstração e mostra como é exatamente a fluidez com que Nicole transita de um plano para outro, que torna o texto tão atraente.

Para além do caráter elaborado e literário do seu texto, a psicanalista utiliza hipóteses metapsicológicas, que tornam possível identificar adesões a certos autores ou determinadas escolas psicanalíticas. No entanto, não encontramos uma explicitação teórica dessas reflexões, observando-se, ao contrário, o seu uso de forma encarnada e integrada no texto como um todo.

A partir desse relato, N. Berry propõe uma nova concepção do valor clínico da escrita para além da formulação racional das idéias. Permitindo uma renovação da experiência de dialogar consigo próprio, a escrita é vista como uma experiência que possibilita a confiança em si mesmo na luta contra as perseguições internas.

As últimas aulas serão voltadas basicamente aos textos de orientandos em fase de elaboração de suas teses, presentes pessoalmente na sua discussão, atitude que para Renato re-

vela a possibilidade de uma renúncia narcísica, à medida em que implica, entre outros aspectos, em auto-exposição pessoal e profissional.

Uma delas, que tem por título "Um atendimento no hospital", trata de uma parte de um livro sobre psicoterapia breve, onde além de diálogos entre paciente e terapeuta, são apresentados um rápido histórico, a indicação e evolução do tratamento e finalmente a discussão do caso.

Na aula seguinte o material clínico será usado para se compreender a dinâmica intrapsíquica do paciente através de um lapso contratransferencial do analista.

A última aula trata do uso de casos clínicos no contexto de uma tese ilustrado pelo material de um aluno preocupado com a questão do trágico relacionado à clínica psicanalítica.

Todas essas apresenta-

ções serão objeto de apreciação em relação aos aspectos de conteúdo, com a ênfase recaindo sobre os elementos formais. Dentre eles, Mezan chama a atenção para a redundância de recursos, a necessidade de dar continuidade entre o relato do processo terapêutico e as conclusões a que se chega, a alternância entre os usos da transcrição e da narrativa, o desperdício de elementos, o rigor na utilização dos conceitos psicanalíticos, a necessidade de fundamentação em termos metapsicológicos etc., etc., etc.

Renato discutirá também nessas apresentações o momento e o modo de inserção do texto clínico no corpo da tese. Para isso, acha importante que o autor apresente as suas hipóteses num espaço suficiente para que o leitor possa acompanhar os fundamentos dessa inclusão e o processo de transformação que justifique a passagem da teoria para a clínica ou vice-versa. Em alguns casos a melhor escolha será a "reprodução literal"; em outros, o estilo mais adequado será o narrativo,

embora com o risco de desagradar o leitor menos convencido pela argumentação do autor.

Como se pode ver, trata-se de uma obra interessante que sem dúvida servirá como texto de referência diante da tarefa de escrever. Ler este trabalho pode ser também uma experiência da qual se "pode sair renovado", tal como Renato Mezan refere na epígrafe do seu trabalho apresentado neste livro.¹

Constitui-se esta, com certeza, uma boa ocasião para entrar em contato com um autor que deseja compartilhar tão generosamente o seu conhecimento, a sua cultura diversificada e que ainda por cima tem a paixão pelo ofício de ensinar.

Ao finalizar fica uma questão: será que o pulo do gato pode ser aprendido por quem não é gato?

NOTAS

1. "O que é a muda para os pássaros, a época em que trocam a plumagem, é a adversidade ou a infelicidade, os tempos difíceis, para nós, seres humanos. Uma pessoa pode ficar neste tempo de muda; também pode sair dele como que renovada." Vincent van Gogh, carta 133 a Theo

Cecilia L. Montag Hirschzon é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo